



VOZES NA PANDEMIA: LEITURAS DE ANÁLISES DE DISCURSO¹

VOICES IN THE PANDEMIC:
DISCOURSE ANALYSIS' READINGS

Adriana Pucci Penteado de Faria e Silva²
Universidade Federal da Bahia

Daniele de Oliveira³
Universidade Federal da Bahia

Resumo: Neste artigo, o objetivo é apresentar, por diferentes vieses teóricos de análises de discurso, reflexões sobre sentidos que circularam durante os primeiros meses da pandemia provocada pelo novo coronavírus em nosso país. Para tanto, após trazer breves considerações sobre a área do conhecimento em que nos inserimos, propomos a análise de duas sequências de enunciados veiculados em diferentes mídias desde março de 2020. Tanto pela análise Dialógica do Discurso, que deriva dos estudos de Bakhtin e do Círculo, como pelos Estudos Críticos do Discurso, notadamente o trabalho de van Dijk, nossas análises nos permitem apontar para formas pelas quais embates sociais, históricos e ideológicos têm sido discursivizados neste período. Conclui-se que a pandemia lança nova luz sobre discursos de exclusão que historicamente constituem nossa sociedade.

Palavras-Chave: Pandemia; Análises de Discurso; Enunciados; Exclusão.

¹ Este artigo deriva de mesa homônima apresentada pelas autoras no Congresso Virtual UFBA 2020: Universidade em movimento.

² Endereço eletrônico: adriana.pucci@ufba.br.

³ Endereço eletrônico: danieleoliveira99@gmail.com.

Abstract: *The objective of this article is to present, through different theoretical frameworks, reflections on meanings which have circulated during the first months of the pandemics provoked by the new coronavirus in our country. Therefore, after bringing some brief consideration on the knowledge areas in which we act, we propose some analyses of two different sequences of utterances which were conveyed, since March 2020, by distinct media. Both Dialogic Discourse Analysis, based on the studies made by Bakhtin and Critical Discourse Studies, notably the work of van Dijk, allow us to point to discursive forms which social, historic an ideological tension assume during the period. We conclude that the pandemic period throws some new lights on exclusion speeches which have historically constituted our society.*

Keywords: *Pandemic period; Discourse Analysis; Utterances; Exclusion.*

INTRODUÇÃO

Uma proposta de leitura pelo viés metodológico de análises de discurso não pode prescindir de uma problematização sobre a materialização linguística de seus próprios termos constituintes: a qual área, ou ciência humana, fazemos referência quando nos inscrevemos como analistas de discursos?

Em primeiro lugar, destacamos que em nosso país não aparece nem o termo “Análise do Discurso” nem a expressão “Análise de Discurso” nos documentos oficiais que classificam as áreas de conhecimento na ciência brasileira.

No Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a aba *Árvore do conhecimento*⁴ traz as áreas em que se podem enquadrar grupos e linhas de pesquisa ligados a instituições de nível superior. Nessa aba, o subitem Linguística, Letras e Artes traz ramificações para cada termo. Sob o ramo da Linguística, encontramos os seguintes desdobramentos: Teoria e Análise Linguística, Fisiologia da Linguagem, Linguística Histórica, Sociolinguística e Dialetoлогия, Psicolinguística e Linguística Aplicada. Agrupadas sob o item

⁴ Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/web/dgp/linguistica-letras-e-artes>>. Acesso em: 07/06/2020.

Letras, encontramos as seguintes designações: Língua Portuguesa, Línguas Estrangeiras Modernas, Línguas Clássicas, Línguas Indígenas, Teoria Literária, Literatura Brasileira, Outras Literaturas Vernáculas, Literaturas Estrangeiras Modernas, Literaturas Clássicas, Literatura Comparada. Nenhuma menção a discurso.

Já no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), as áreas que se encontram na aba Avaliação⁵ contemplam, dentro do quadro *Colégio de Humanidades*, na coluna Linguística, Letras e Artes, no item Linguística e Literatura, a seguinte descrição da área:

A Área de Linguística e Literatura abrange estudos mono e interdisciplinares que tomam como objeto de enfoque crítico, teórico, descritivo e analítico a língua e a literatura em seus mais variados escopos e perspectivas, considerando, portanto, os estudos linguísticos, literários, estudos de tradução, estudos culturais, aplicados, dentre outros. (CAPES, 2019, p. 3)

As análises de discurso, portanto, podem estar nas entrelinhas dessas classificações, talvez sob o guarda-chuva da linguística aplicada⁶, talvez contidas na designação “dentre outros” trazida pela CAPES.

Uma possível consequência dessa falta de nomeação é o gesto linguageiro de várias autoras e vários autores dessa área, que, ao publicarem seus trabalhos, comumente, delimitam e justificam seu campo teórico, como, por exemplo, Possenti, quando anuncia que um capítulo de livro que assina “tratará, basicamente, de **uma** das concepções do discurso, a chamada análise do discurso (AD) francesa” (POSSENTI, 2009, p. 354, grifo nosso), seguindo alerta feito por Gregolin já na década de 1990:

Ao tratarmos de "Análise do Discurso" é prudente, de início, nos colocarmos a questão: o que entendemos por análise do discurso? Esta pergunta é

⁵ Disponível em: <<https://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao>>. Acesso em: 07/06/2020.

⁶ A esse respeito, ver Magalhães e Silva (2016).

pertinente porque vários são os conceitos de "análise do discurso", um campo de estudos em formação, cujas fronteiras não estão ainda claramente delimitadas. (GREGOLIN, 1995, p. 13)

Pesquisadores dos Estudos Críticos do Discurso, por exemplo, assumem o caráter transdisciplinar da análise do discurso, já que se trata de “uma transdisciplina distribuída por todas as ciências humanas e sociais” (VAN DIJK, 2008, p. 11) ou ainda pelo “rompimento de fronteiras epistemológicas” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 14).

A identidade marginal da área, que se deslinda nas entrelinhas dos documentos oficiais, inspirou a formação de nosso grupo de pesquisa Margens e Entrelinhas (GME). Tal grupo objetiva pôr em diálogo desdobramentos práticos e teóricos de diferentes análises de discurso e fomentou, durante a pandemia, nosso desejo de pensar o lugar das linhas teóricas que orientam nossas pesquisas na resistência aos ataques às ciências humanas que se acentuam no Brasil de 2020. Nesse contexto, iniciam-se as duas análises que apresentaremos a seguir.

1 DE “30 MIL INOCENTES” A “E DAÍ?” A RECEPÇÃO DO SIGNO DA MORTE/DO MATAR NUMA CADEIA DISCURSIVA

A designação Análise Dialógica do Discurso (doravante ADD)⁷ refere-se a uma corrente de estudos que se inspira em pressupostos teóricos advindos de obras de Bakhtin e de outros pensadores, como Medviédev e Volóchinov, que compuseram alguns grupos de intelectuais, aos quais, numa referência generalista, damos, hoje, o nome de Círculo de Bakhtin.

Entendemos que a construção de um *corpus* de análise, seguindo preceitos da ADD, deve pautar-se em alguns princípios, dentre os quais, para a análise que apresentamos neste trabalho, destacamos: a) o discurso é “a língua em sua

⁷ A esse respeito, conferir Brait (2006) e Magalhães e Kogawa (2019).

integridade concreta e viva” (BAKHTIN, 2010, p. 207); portanto, as análises devem incluir reflexões sobre condições sociais, históricas e ideológicas em que um enunciado é produzido, circula e é recebido; b) um enunciado não deve ser tomado como um recorte isolado, como pode acontecer em estudos linguísticos; cada enunciado é “um elo na cadeia da comunicação discursiva” e, por isso, “leva em conta” outros enunciados (BAKHTIN, 2016, p. 57); portanto, os sentidos e embates de vozes presentes em um enunciado se evidenciam conforme os interlocutores tenham repertório para entrar em contato com outros elos que compõem esse fluxo discursivo, o que depende, também, de seu “horizonte espacial” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 118) e c) o sentido, no discurso, não é dado apenas pelo conteúdo que se possa depreender por uma matéria sígnica, ou pela forma que atualiza esse conteúdo, nem pelo material isoladamente que permite a construção de uma forma: está na arquetônica⁸, que é interrelação, nem sempre dada pelo ângulo da concordância, entre forma, conteúdo, material, e os aspectos estéticos de autoria, que são o autor-criador (e seu espaço-tempo) e o autor-contemplador (e seu espaço tempo).

Partindo dessas premissas teóricas, entendemos que um *corpus* não é um objeto à espera de alguém que o analise, mas uma materialidade preta de vozes discursivas que, no fluxo discursivo da vida, inicia um diálogo com quem está na posição de pesquisador.

A cadeia discursiva que é nosso foco parte do diálogo que estabelecemos com uma declaração específica de uma figura pública durante a pandemia. Apresentamos uma transcrição livre, feita com base no registro em vídeo, no Youtube, da declaração, dada no dia 28 de abril de 2020, quando a figura foi interpelada por uma jornalista sobre o número de mortes por COVID-19 que o país havia atingido na ocasião:

⁸ Para aprofundamento acerca do conceito de arquetônica sob este viés, conferir Queiróz (2017).

- (jornalista) “A gente ultrapassou o número de mortos da China por COVID-19...”

[...]

- (figura pública) “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre.”⁹

Pensando nos princípios teóricos que nos norteiam, ressaltamos que o cargo ocupado por essa figura pública na data da declaração é o de Presidente da República. A situação em que a declaração acontece insere-se numa atividade de linguagem que é comum entre presidentes e jornalistas, ou seja, as entrevistas rápidas feitas em ambientes de passagem, como a rampa do Planalto, em que se esperam respostas pontuais para questões prementes para a sociedade.

O gênero discursivo (BAKHTIN, 2016; MEDVIÉDEV, 2012) do qual o enunciado faz parte, portanto, não requereria, por si só, que expressões coloquiais como “E daí” fossem evitadas. A repercussão negativa da declaração, no entanto, não vem do material linguístico tomado isoladamente, mas do sentido de desdém e de abandono que se constrói na relação dos interlocutores com o enunciado. Hipotetizamos que essa reação poderia ser flagrada, discursivamente, em análises de críticas que circularam nas redes sociais a essa declaração e aos números de rejeição ao governo, que foram, naqueles meses iniciais, subindo de acordo com a divulgação de atitudes que punham em risco a vida da população, ainda que haja um número estável, por volta de 33% dos entrevistados, que considera o governo ótimo¹⁰.

⁹ Disponível em: <<https://youtu.be/4HFbUzzpUoE>>. Acesso em: 11/06/2020.

¹⁰ A recepção, nas redes sociais, da cadeia discursiva que analisamos não é nosso foco neste trabalho. A respeito dos números consultar:

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/rejeicao-a-bolsonaro-bate-recorde-mas-base-se-mantem-diz-datafolha.shtml>>. Acesso em: 11/06/2020;

<<https://www.cartacapital.com.br/politica/rejeicao-ao-governo-bolsonaro-cresce-e-58-dizem-ser-favoraveis-a-impeachment/>>. Acesso em: 11/06/2020.

A alta momentânea da rejeição¹¹, no entanto, não se deu por uma mudança no discurso dessa figura pública. Percebe-se, ao contrário, uma continuidade temática em declarações proferidas pela mesma figura ao longo de sua vida pública, o que se evidencia pela inserção dessa declaração de 28 de abril numa cadeia discursiva, ou seja, colocando-a em diálogo com outros enunciados marcados social, histórica e ideologicamente.

O primeiro desses enunciados foi proferido em 1992, ocasião em que a mesma figura pública ocupava o cargo de deputado federal. Foi um comentário sobre o massacre do Carandiru, quando 111 detentos, dentre os mais de 8 mil que ocupavam uma casa de detenção projetada para receber, no máximo 2 mil prisioneiros, foram executados por tropas da polícia militar, que tinham sido acionadas para deter uma rebelião. Não identificamos a esfera inicial de circulação dessa declaração, que foi a seguinte: “Morreram poucos. A PM tinha que ter matado mil”¹².

Vemos que o verbo “morrer” associa-se a um sujeito exposto por um pronome indefinido, que traz a ideia de insuficiente. Ou seja, haveria, por parte do declarante, o desejo de mais mortes. Já a expressão “ter que”, associada ao ato de matar, traz a ideia de uma “necessidade deôntica” (NEVES, 2000, p. 620), de uma obrigatoriedade que parece corresponder, na fala, ao que seria a tarefa da polícia: matar.

O segundo enunciado que propomos para a composição de nossa cadeia discursiva em análise foi proferido por essa figura pública em 1999, no programa

¹¹ Em julho de 2020, após sucesso do auxílio emergencial do governo, a rejeição ao governo, que estava na casa dos 44%, teve expressiva queda. A esse respeito, ver <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/08/aprovacao-a-bolsonaro-sobe-e-e-a-melhor-desde-o-inicio-do-mandato-diz-datafolha.shtml>>. Acesso em: 30/08/2020.

¹² Veja-se o registro da declaração, por exemplo, em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/marcelocoelho/2018/05/tempo-sem-rumo-tempo-de-bolsonaro.shtml>>. Acesso em: 15/06/2020; ou em <<https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>>. Acesso em: 20/05/2020.

de televisão *Câmera Aberta*, da rede Bandeirantes. Em transcrição livre, por nos atermos à análise verbal do enunciado, temos o seguinte:

Através do voto você não vai mudar nada nesse país, nada, absolutamente nada! Só vai mudar, infelizmente, se um dia nós partirmos para uma guerra civil aqui dentro, e fazendo o trabalho que o regime militar não fez: matando uns 30 mil, começando com o FHC, não deixar para fora não, matando! Se vai morrer alguns inocentes, tudo bem, tudo quanto é guerra morre inocente.¹³

O verbo “matar”, nessa declaração, é associado a um trabalho, a uma tarefa que, segundo o declarante, deveria ter sido executada pelo regime militar. O verbo “morrer”, também presente, associa-se ao sentido de vítimas inocentes, numa concessão feita a um contexto de guerra civil, situação tida, nessa fala, como desejável. A posição política ocupada pelo autor da declaração continuava a ser de deputado federal.

As duas declarações que citamos aqui foram retomadas em 2018, durante a disputa eleitoral para o cargo de Presidente da República, e circularam amplamente em redes sociais, como argumentos para que não se votasse no candidato que as havia proferido. A força desses argumentos, ou sua circulação, não foi suficiente para impedir que o candidato se elegeesse.

Em 2020, o discurso sobre a morte carregado de desdém, que se cristaliza no “E daí”, parece ter um impacto – momentâneo – no aumento à rejeição em relação ao governo. O trato discursivo sobre a morte, no entanto, não parece estar posto sob um ângulo dialógico diferente em 2020.

Se, na década de 1990, a morte era posta nas falas analisadas como tarefa a ser cumprida pela polícia e pelo regime militar, aqui o signo assume a ideia de um efeito colateral inevitável em tempos de pandemia, como se não houvesse

¹³ Vídeo disponível em:

<https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/08/29/interna_politica,984474/bolsonaro-defende-guerra-civil-no-brasil-e-sonegacao-de-impostos-em-vi.shtml>. Acesso em: 18/06/2020.

nada que o governo pudesse fazer. A inoperância do governo coaduna-se com o sentido da morte nessa cadeia discursiva: é desejável para “bandidos” e “inimigos” e é inevitável como efeito colateral de alguns processos.

Essa postura pode ser associada, de maneira indireta, ao conceito de necropolítica, proposto pelo filósofo Achille Mbembe, que aciona essa expressão

para explicar as várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, armas de fogo são implantadas no interesse da destruição máxima de pessoas e da criação de “mundos de morte”, formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de “mortos-vivos” (MBEMBE, 2016, p. 146)

A situação criada pelo avanço do novo coronavírus tem sido associada à uma guerra contra um inimigo invisível. Não é exatamente uma guerra com armas de fogo, como as que inspiraram as formulações de Mbembe sobre políticas que determinam quem deve viver e quem deve morrer¹⁴, mas, no Brasil, o descaso da autoridade máxima, tão bem expresso no “E daí?”, remete à ideia de que o governo, ao se omitir sobre mortes, acaba determinando, de fato, uma política de sobrevivência das pessoas que, historicamente, têm acesso à saúde, higiene, alimentação de qualidade, informação.

Voltando aos pressupostos de análise pelo viés da ADD, apresentados no início desta seção, podemos afirmar que o tema da morte é tratado pelo ângulo da concordância nos três enunciados analisados, mas na relação com interlocutores, que agora ocupam um horizonte espacial de vulnerabilidade, o sentido muda, pois mais pessoas se veem implicadas, nesta narrativa macabra, como personagens sujeitas à morte.

¹⁴ Sobre a necropolítica presente no atual governo do Brasil, conferir a apresentação de Luiz Filgueiras no Congresso Virtual da UFBA, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hFDLVO1Y6yE>>. Acesso em 27/06/2020.

Decorre deste novo horizonte espacial, provavelmente, o aumento dos índices de desaprovação do governo, e não num suposto avanço da consciência pública sobre a necessidade do combate às desigualdades sociais. Concluimos, por esta breve análise, que a pandemia não nos aproxima nem nos torna melhores como sociedade, como querem alguns enunciados que circulam em redes sociais, apenas aumenta, em seu apogeu, a sensação de vulnerabilidade e a necessidade de reação contra um governo que não defende sua população como um todo.

2 ESTAMOS TODOS NO MESMO BARCO? NARRATIVAS RACISTAS EM TEMPOS DE COVID-19

Uma das facetas mais perversas da pandemia de COVID-19 é ressaltar ainda mais a desigualdade racial¹⁵ que, historicamente, assola nosso país. Os dados do Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, atualizado no dia 18/05/2020¹⁶, evidenciam que (i) pessoas negras e pardas somam 54,8% das mortes por COVID-19; (ii) pessoas brancas são maioria entre os internados (51,42%), mas minoria entre os mortos (43,1%); e (iii) pessoas pardas são 38,7% dos hospitalizados, mas 47,3% das vítimas fatais¹⁷. Apesar da provável subnotificação, esses dados já mostram como o racismo estrutural (ALMEIDA, 2018) continua forte e atuante no Brasil.

É importante ressaltar que a população negra não tem uma maior propensão para contrair o vírus, como esses dados poderiam sugerir. Na realidade, esses dados nos mostram, mais uma vez, a dificuldade de acesso da população negra ao sistema de saúde. E acesso ao sistema de saúde não significa apenas acesso a hospitais, mas também moradia adequada e que permita fazer

¹⁵ Neste trabalho estamos utilizando o conceito social de raça.

¹⁶ Optamos por manter os dados utilizados na apresentação no Congresso Virtual da UFBA (maio/2020).

¹⁷ Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/boletins-epidemiologicos>>. Acesso em: 08/07/2020.

isolamento social, água encanada, esgoto, alimentação saudável, tudo o que contribui para que uma pessoa possa cuidar da própria saúde no contexto de uma pandemia como a da COVID-19. Além disso, é importante ressaltar também que é a população negra que está mais exposta ao vírus, pois a maioria dos trabalhadores nos serviços essenciais é negra.

Diante desse cenário, o governo federal opta pela omissão, “deixar morrer” os grupos de negros e moradores das periferias. Não há nenhuma ação direcionada às populações mais vulnerabilizadas.

Achille Mbembe propõe um termo bastante adequado para se referir à situação que enfrentamos no Brasil. Ele fala em necroliberalismo, ou seja, para Mbembe (2020) não existe compatibilidade entre a manutenção da vida coletiva, em especial dos grupos mais vulneráveis, com a política neoliberal. A política neoliberal é incompatível com a vida em última instância. A realidade brasileira confirma isso todos os dias.

O conceito de necroliberalismo, por sua vez, remete ao conceito de racismo estrutural, tal como apresentado por Sílvio de Almeida, para quem “o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares” (ALMEIDA, 2018, p. 38). Dito de outra forma, nosso país precisa do racismo para sustentar essa política neoliberal.

Ainda de acordo com Sílvio de Almeida (2018), a perpetuação do racismo acontece de duas maneiras:

- pela produção de um sistema de ideias que explique de forma “racional” a desigualdade racial;
- e pela formação de sujeitos que não questionem a discriminação e a violência racial, nem a distinção entre “brancos” e “negros”.

Dessa forma, o que vai contribuir para a perpetuação do racismo é a manutenção de um sistema de ideias racistas e a consequente formação de

sujeitos racistas. Essa estrutura resulta, por exemplo, na naturalização de ações violentas praticadas pelas forças policiais contra a população negra, como uma família negra ser alvejada com 80 tiros pelo Exército no subúrbio do Rio de Janeiro por ter seu carro supostamente confundido com o carro de dois criminosos¹⁸.

E esse sistema de ideias, que é hegemônico no Brasil, vai ser imposto como universal por meio da formação de consensos ideológicos sobre uma suposta supremacia branca que explicaria racionalmente a desigualdade entre as raças. A consequência nefasta disso é a naturalização da situação de vulnerabilidade do negro, como no exemplo citado acima.

Os Estudos Críticos do Discurso (doravante ECD), notadamente o trabalho de Teun van Dijk, nos ajudam a compreender como esse sistema de ideias, essas ideologias, são transformadas em consensos para membros de alguns grupos sociais¹⁹, e qual mecanismo está por trás disso em termos discursivos.

De forma bastante resumida e objetiva, pode-se dizer que os ECD estão interessados em investigar discursos que refletem relações abusivas de poder (VAN DIJK, 1995), o que implica (i) que a análise seja orientada por um problema social; (ii) que seja multidisciplinar; (iii) que tenha abordagem crítica explícita; (iv) que tenha foco nas relações abusivas de poder; entre outros aspectos.

A abordagem sociocognitiva proposta por van Dijk estabelece uma relação entre estruturas do discurso, interação social e estrutura social por meio de uma interface sociocognitiva. Se, por um lado, a teoria se fundamenta nos modelos mentais pessoais, por outro assume uma dimensão social que interfere nos

¹⁸ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/13/politica/1555172481_557182.html>. Acesso em: 18/05/2020.

¹⁹ Um grupo social está sendo entendido como um conjunto de sujeitos que compartilham determinadas características, por exemplo, pertencimento racial (brancos, negros, indígenas), ideologia comum (feministas, machistas, racistas, antirracistas) etc.

modelos mentais pessoais e, conseqüentemente, no próprio discurso. A teoria cognitiva também permite a descrição estrutural e ideológica dos discursos, o que possibilita, por exemplo, mostrar como problemas sociais são reproduzidos discursivamente. No caso específico deste trabalho, como o racismo é reproduzido no âmbito dos discursos veiculados no contexto da pandemia de COVID-19 no Brasil.

Van Dijk (2012, p. 87) revê o conceito de contexto e o define da seguinte maneira:

os contextos não são um tipo de situação social objetiva, e sim construtos dos participantes, subjetivos embora socialmente fundamentados, a respeito das propriedades que para eles são relevantes em tal situação, isto é, modelos mentais.

Os *modelos de contexto*, entendidos como um tipo de modelo mental são, pois, as formas como interpretamos a realidade no momento em que a “vivenciamos”. Por exemplo, quando vemos a notícia de que a polícia matou mais uma criança negra, dentro de sua casa, a casa do João Pedro, no Rio de Janeiro²⁰, uns ficam indiferentes, outros indignados, outros vão pensar “menos um negro”, outros vão se emocionar etc., em função dos modelos mentais compartilhados por seu grupo social, o que decorre do sistema de ideias que cada grupo aceita como razoáveis.

E esse sistema de ideias, ou esse modelo mental, é construído a partir da articulação entre os aspectos pessoais e subjetivos e os aspectos socioculturais compartilhados em determinado grupo social. Essa articulação explica, por exemplo, como uma pessoa se torna racista ao nascer no seio de uma família que reproduz discursos racistas aos quais fica exposta boa parte da vida. Ressalte-se que, a cada vez que essa pessoa é exposta a um discurso racista ou a uma notícia

²⁰ Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/20/o-que-se-sabe-sobre-a-morte-a-tiros-de-joao-pedro-no-salgueiro-rj.ghtml>>. Acesso em: 01/07/2020.

sobre racismo, ela forma “crenças que valem por avaliações” (VAN DIJK, 2012, p. 94), ou seja, constrói opinião a respeito do que ouve ou lê. Essas avaliações, por sua vez, são sempre passíveis de mudança.

O sistema de ideias também pode ser compreendido como uma ideologia já que ela constitui “a base das representações sociais compartilhadas pelos membros de um grupo”²¹ (VAN DIJK, 2000, p. 8, tradução nossa).

A abordagem sociocognitiva do discurso defende, portanto, que “a definição, interpretação, representação ou construção pelos participantes de sua situação social, em termos de modelos de contextos subjetivos, influencia o modo como eles falam, escrevem, leem e entendem” (VAN DIJK, 2012, p. 169, grifo do autor). Dito de outra forma, é por meio das representações mentais que as estruturas sociais ou situacionais influenciam o discurso dos usuários da língua.

Diante do exposto, discute-se a ocorrência de ideologias racistas no âmbito do debate público em torno da pandemia de COVID-19. Se não um discurso explicitamente racista, discursos que permitem ler em suas entrelinhas lacunas que informam sobre percepções racistas acerca da realidade brasileira. Tomemos como exemplo os seguintes enunciados proferidos em redes sociais no âmbito da pandemia de COVID-19:

1. Estamos todos no mesmo barco;
2. A COVID-19 é democrática;
3. Fique em casa;
4. Mantenha suas mãos limpas, use álcool em gel.

Essas falas omitem a desigualdade racial no Brasil, ou seja, mais uma vez alimenta-se a narrativa que vem sendo construída desde a abolição da escravidão no país, em 1888 – somos uma democracia racial, não somos racistas etc. Na realidade, essa pandemia torna ainda mais evidente as diferenças sociais e raciais na população brasileira.

²¹ No original: “the basis of the social representations shared by members of a group”.

De fato, já que a pandemia afeta mais a população negra que, como já foi dito, além de estar mais exposta ao vírus por atuar maciçamente nos serviços essenciais e, com isso, não ter oportunidade de se isolar socialmente, é a população que tem mais dificuldade de acesso ao sistema de saúde, uma vez que depende da saúde pública que, a despeito da sua qualidade, não consegue atender a demanda gerada na pandemia.

Dessa forma, é possível afirmar que estamos todos no mesmo barco? Ou ainda que a COVID-19 é democrática? É verdade que estamos todos enfrentando o mesmo vírus, a mesma pandemia, mas não da mesma forma. E isso fica evidente quando, por exemplo, lemos notícias²² sobre pessoas de bairros periféricos, em geral, predominantemente negras, aguardando vaga em hospitais de referência para o tratamento da COVID-19. Essa espera pode significar a diferença entre viver ou morrer, se considerarmos que a demora no atendimento pode provocar a morte do paciente. Ou seja, não se pode falar em democracia se, na mesma sociedade, uma minoria, majoritariamente branca, em geral, tem acesso a hospitais particulares e planos de saúde. Essas afirmações, na verdade, omitem a enorme desigualdade racial presente em nosso país.

Vejamos agora as outras duas afirmações, também encontradas nas redes sociais durante a pandemia: *fique em casa e mantenha suas mãos limpas, use álcool em gel*.

Quem de fato pode ficar em casa em isolamento social e continuar recebendo seu salário? A situação das empregadas domésticas²³, predominantemente negras, ilustra bem o abismo racial que vivenciamos. Muitas delas não foram orientadas por seus patrões a ficar em casa com a garantia de

²² Disponível em: <<https://www. hojeemdia.com.br/horizontes/oito-pacientes-com-suspeita-de-covid-na-upa-do-barreiro-aguardam-transfer%C3%Aancia-para-uti-1.793126>>. Acesso em: 08/07/2020.

²³ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/celina/trabalhadoras-domesticas-diaristas-falam-das-dificuldades-que-enfrentam-em-meio-pandemia-1-24341633>>. Acesso em: 15/07/2020.

continuar recebendo seus salários, ao contrário, muitas continuam trabalhando e se expondo tanto no próprio ambiente de trabalho quanto nos transportes públicos; outras tantas, foram demitidas.

E no que se refere ao uso de álcool em gel e máscaras? Será que toda a população tem acesso a esses itens de proteção contra a COVID-19? Tendo em vista o alto número de demissões no país durante a pandemia²⁴, além da elevada taxa de desemprego que o país já vinha enfrentando desde 2019²⁵, é possível inferir que poucos têm acesso a esses itens de proteção.

Essa breve análise nos mostra como o discurso do senso comum veicula implícitos que evidenciam a enorme desigualdade racial no Brasil e o racismo resultante da naturalização dessa desigualdade. Além disso, esses implícitos partem de um sistema de ideias (ALMEIDA, 2018) ou ideologias (VAN DIJK, 2000) disseminadas discursivamente que acabam por contribuir com a (re)construção de modelos mentais que explicam a desigualdade racial no Brasil, dificultando a percepção de que há, de fato, discriminação e violência contra negros e que é preciso combatê-las.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo em que se inserem nossos trabalhos definido nas estrelinhas dos discursos oficiais sobre áreas do conhecimento no Brasil, não se presta a uma definição precisa ou a um enquadramento teórico e metodológico único.

²⁴ Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/economia/2020-05-27/brasil-fechou-11-milhao-de-vagas-formais-em-dois-meses-de-pandemia.html>>. Acesso em: 15/07/2020.

²⁵ Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?t=resultados>>. Acesso em: 15/07/2020.

As análises que aqui trouxemos partem, como pontuamos, de duas vertentes diversas, ADD e ECD – Análise Dialógica do Discurso e os Estudos Críticos do Discurso.

Para um trabalho em ADD, o ponto de partida é a própria interação com enunciados e os questionamentos sobre que sentidos circulam nessa materialidade e como tais sentidos se constroem. Não se perde de vista, evidentemente, as condições sociais, históricas e ideológicas que constituem um ou mais enunciados nem as relações dialógicas entre vários elos de uma cadeia discursiva.

Já para uma reflexão pautada nos princípios dos ECD, o ponto de partida é um problema social e como ele se manifesta discursivamente tendo em vista que a percepção dessa dinâmica pode conduzir à emancipação e, principalmente, à mudança social (FAIRCLOUGH, 2008), outro pilar dos ECD.

Os embates presentes nos discursos que analisamos não nascem na pandemia, mas a situação extrema a que o mundo foi submetido com a COVID-19 acabou por acentuar discursivamente políticas e discursos que os constituem como sociedade.

Mesmo partindo de abordagens distintas, as análises que fizemos, que levam em consideração vozes que circularam nos primeiros meses de pandemia, apontam para uma realidade discursiva que mostra embates causados pela desigualdade. O reconhecimento e a divulgação de pesquisas em nossa área, portanto, são modos de incrementar uma visão responsável de sujeitos inseridos eticamente em uma sociedade. Não há gesto discursivo – de fala, escuta, leitura, escrita ou compartilhamento – que não gere responsabilidade ética sobre os implicados na interação. A consciência desse fato, talvez, possa mudar as relações sociais mais do que uma pandemia.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sílvio. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoievski*. Tradução por Paulo Bezerra. 5ª edição revista. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Tradução por Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 9-32.
- CAPES. *Documento da área*. Área 41, Linguística e Literatura. 2019. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/linguistica-e-literatura-pdf>>. Acesso em: 18/2/2021.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Tradução coordenada por Izabel Magalhães. Brasília: UnB, 2008.
- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. A análise do discurso: conceitos e aplicações. *Alpha*, São Paulo, v. 39, p 13-21, 1995.
- MAGALHÃES, Anderson Salvaterra; KOGAWA, João. *Pensadores da análise do discurso: uma introdução*. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2019.
- MAGALHÃES, Anderson Salvaterra; SILVA, Adriana Pucci Penteadó de Faria e. Heterogeneidade na pesquisa em Linguística Aplicada: dialogismo como princípio de construção de conhecimento. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* [Online], São Paulo, v. 32. n. 4, p. 981-1010, 2016. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/24747/22232>>. Acesso em: 04/11/2020.
- MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-151, 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>>. Acesso em: 27/06/2020.
- MBEMBE, Achille. *Pandemia democratizou poder de matar*. 31/03/2020. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2020/03/pandemia-democratizou-poder-de-matar-diz-autor-da-teoria-da-necropolitica-ck8fpqew2000e01ob8utoadx0.html>>. Acesso em: 15/05/2020.
- MEDVIÉDEV, Pàvel Nikoláievitch. *O método formal nos estudos literários: uma introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução por Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- POSSENTI, Sírio. Teorias do discurso: um caso de múltiplas rupturas. MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Chistina. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. V. 3. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2009, p. 353-392.

QUEIRÓZ, Inti Anny. O conceito de arquitetônica na teoria bakhtiniana: uma abordagem historiográfica, filosófica e dialógica. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 46 (2), p. 625-640, 2017. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1506/1233>>. Acesso em: 18/06/2020.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

VAN DIJK, Teun A. Aims of Critical Discourse Analysis. *Japanese Discourse*, v. 1 (1995), p. 17-27.

VAN DIJK, Teun A. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. Tradução por Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

VAN DIJK, Teun A. *Discurso e poder*. Organização Judith Hoffnagel e Karina Falcone. São Paulo: Contexto, 2008.

VAN DIJK, Teun A. *Ideology: a multidisciplinary approach*. SAGE: London, 2000.

VOLÓCHINOV, Valentin. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica. In: VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Org. e trad. Sheila Grillo e Ekaterina Volkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019, p. 109-146.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 08 de setembro de 2020.

Aprovado em sistema duplo cego em: 18 de fevereiro de 2021.